

Um Homem que Aprendeu a Dançar

*Arnaldo Érico Huff Júnior**

Resumo

Trata-se de uma homenagem a Zwinglio Mota Dias. Partindo de um pensar metafórico sobre a dança, o texto realça a singularidade de sua biografia, situando-a no contexto do protestantismo e do ecumenismo.

Palavras-chave: *Zwinglio Dias, protestantismo, ecumenismo.*

Abstract

This is a homage to Zwinglio Mota Dias. Stemming its metaphorical thinking from the art of dancing, the text emphasizes the singularities of his biography and places it in the context of Protestantism and ecumenism.

Keywords: *Zwinglio Dias, Protestantism, ecumenism.*

Certa vez ouvi de Zwinglio Dias que uma de suas grandes frustrações era não ter aprendido a dançar. Protestante, presbiteriano e, não por acaso, batizado em homenagem ao precursor da reforma suíça, Zwinglio é descendente de um tipo de protestantismo que via no corpo algo ruim. E via nos corpos em movimento conjunto, abraçados, algo ainda pior: verdadeira vergonha erótica, risco da corporeidade, senão manifestação do mal, má-nifestação.

* Doutor em Ciência da Religião e docente do Departamento de Ciência da Religião e do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFJF, Juiz de Fora, MG, Brasil.
Email: arnaldo.huff@ufjf.edu.br

Fui educado em um protestantismo semelhante, ainda que luterano. Dançar era algo que decididamente não se devia fazer — especialmente os pastores e suas famílias, porque aos membros das igrejas era dada alguma condescendência, desde que não se soubesse oficialmente disso. Lembro-me de pessoas espantadas, já na década de 1990, ao verem os primeiros pastores que, ao invés de irem embora da festa antes de começar a dança — como mandava a costumeira estratégia pastoral —, ficavam para ensaiar uns poucos e tímidos passos, indicando que nem tudo que vinha do corpo era pecado. Demonstrando, também, e talvez isso fosse o mais importante, que um líder religioso não é uma espécie de super-homem, sem máculas e sem desejos, e que pode e deve estar próximo das pessoas.

Esse tipo de mentalidade e prática está ligado à própria origem do protestantismo brasileiro, que é em sua maior parte fruto de um tipo particular de protestantismo surgido nos Estados Unidos. Lá, uma mescla de pietismo e puritanismo conduziu os protestantes a buscarem uma fé afetivamente próxima de Deus e uma vida moralmente digna dessa fé. Com o tempo, todavia, criou-se uma ideia de que tudo que não fosse da esfera da fé, da esfera espiritual, deveria ser evitado. Instalou-se, assim, uma cisão entre o que é espiritual, e por conseguinte bom, e o que é material ou carnal, e, conseqüentemente, mau. Nada de muito novo na história das religiões. Com o avanço do mundo moderno, todavia, cresceram também os desafios e ameaças à religião e um tipo de moralismo que renega as coisas ditas “do mundo” passou a imperar no protestantismo. A fé protestante que veio ao Brasil no século XIX esteve prenhe desta mentalidade — agravada ao longo do século XX pelos movimentos fundamentalistas. Resulta daí o exemplo prototípico do evangélico convertido, que para de beber, de fumar, de ir a bares e a atividades artísticas, e para também, obviamente, de dançar. Ele deve ser sério e ter prazer apenas nas coisas entendidas como “de Deus”. Cria-se assim uma espécie de tropa de elite espiritual, que automaticamente passa também a ver a

realidade que a cerca como dividida de modo maniqueísta entre a “igreja” e o “mundo”, o “bem” e o “mal”, “Deus” e o “Diabo”.

Os protestantes, nesse sentido, afastaram-se da ideia neotestamentária do *Deus encarnado*, que em Cristo se faz homem, vem ao *mundo* (do qual os protestantes tentam se retirar), toma parte na história humana, conhece nossas dores e alegrias, morre, ressuscita. Afastaram-se também da tradição veterotestamentária que narra que Deus criou a Adão do pó da *terra*, e só depois soprou nele o *fôlego* da vida. Esqueceram-se ainda daquele princípio tão caro à reforma que diz que o homem é nesta vida *simul justus et peccator*, ao mesmo tempo justo e pecador. Ou seja, no que têm de mais desafiador, tais tradições apontam para a ideia de que, primeiro, o mundo é lugar de Deus, sua criação e também sua habitação. Segundo, o homem é indivisivelmente corpo e alma, terra e fôlego, assim como simultaneamente bom e mau, pecador e justo. Não pode, por isso, haver uma elite espiritual, nem uma divisão bem delineada entre pessoas espirituais e pessoas carnis. Ademais, ao invés de privilegiar a ação humana, a tradição bíblica e protestante aponta que é o amor de Deus o fator decisivo que atribui ao homem sentido e transcendência. Vem de Deus e não do homem a força que lhe resgata de seu egoísmo e lhe habilita ao vínculo do amor com as outras pessoas, com tudo o que vive e com o próprio Deus. A tais ideias, a teologia deu os nomes de cristocentrismo e de justificação por graça e fé. Longe desta seara, legalismo e moralismo é o que os protestantes puderam colher.

Não foi, todavia, apenas do *homo ludens*, do qual falou Huizinga, que os protestantes se afastaram. Lógica semelhante a que os apartou da dança, apartou-os ainda das esferas política, econômica e social, tidas como também atinentes ao mundo, ao que é material. Tais esferas, nessa percepção, são de responsabilidade do estado, dos partidos, da escola, ou de qualquer outra instituição, exceto a igreja, que tem como objetivo único a pregação da palavra de Deus, sua *missão*. E esta compreendida apenas em sua dimensão de fala: é preciso

falar do evangelho, em sua interpretação doutrinária correta e ortodoxa, para que as pessoas possam entendê-lo, aceitá-lo racionalmente e assim receberem a salvação eterna de suas almas. Esse “protestantismo de reta doutrina”, como o classificou Rubem Alves, termina assim por tratar (ou mal-tratar) da alma e deixar o corpo ao léu. Apega-se a uma ortodoxia estéril que, além de afastá-lo do convívio e do diálogo com outras igrejas e grupos religiosos, também não lhe permite pensar e produzir teologia, apenas reproduzir, porque não está atento às pessoas e ao que acontece em seu cotidiano. Desta forma, invariavelmente, põe perguntas na boca das pessoas, perguntas feitas na idade média, ficando assim também condenado ao ostracismo.

Para o que excede à pregação da palavra retamente compreendida, ou seja, para o corpo e as coisas materiais, existem as autoridades, e estas devem ser respeitadas, pois são instituídas por Deus – numa interpretação bastante estreita do texto de Romanos 13.1-7. Assim também, a autoridade eclesiástica deve ser respeitada, os doutores da lei, que sabem o que é correto e bom em termos doutrinários e morais. Daí que quando alguma autoridade eclesiástica diz “política não é função da igreja” ou “dançar é pecado”, não se faz política, ao menos não de modo consciente, e também não se dança.

Bem, Zwinglio Dias certamente não foi o único que não aprendeu a dançar por causa desta herança do protestantismo brasileiro. De resto, sua biografia é bastante singular. Para aproveitar o trocadilho, Zwinglio não “dançou conforme a música” hegemônica do protestantismo. Originário da Igreja Presbiteriana do Brasil, por ocasião de uma crise envolvendo professores e alunos do Seminário Presbiteriano de Campinas em 1962, foi para Buenos Aires terminar sua formação em teologia. Pastoreou, então, por alguns anos uma igreja metodista no Uruguai. De volta ao Rio de Janeiro, tornou-se pastor daqueles que costuma chamar de “pobres de Cristo”. Líder religioso, engajado em lutas sociais, foi preso pelo regime militar, indo depois disso para Hamburgo, Alemanha, trabalhar em um

organismo ecumênico. Ivan Dias, historiador, irmão de Zwinglio, foi um dos “subversivos” a quem os militares deram sumiço durante a ditadura. Na Alemanha, desafiado por um professor, fez seu doutorado em teologia. A sua tese, “Crises e tarefas no protestantismo brasileiro: um estudo sobre as condições histórico-sociais e as possibilidades pedagógico-populares da evangelização”, foi escrita à luz de sua experiência pastoral e das ideias de um educador então pouco conhecido no Brasil, Paulo Freire.

Retornando a seu país ao final dos anos 1970, Zwinglio, já filiado à Igreja Presbiteriana Unida, atuou como pastor e professor, engajando-se cada vez mais no movimento ecumênico nacional e internacional, bem como em lutas sociais. Entre outras coisas, esteve por vários anos na linha de frente do CEDI, Centro Ecumênico de Documentação e Informação, permanecendo após sua dissolução, em 1995, ligado a Koinonia. Aliás, certa feita lhe perguntei por que o CEDI havia acabado. A resposta foi: “O CEDI não acabou, se multiplicou”, fazendo referência às três instituições que resultaram da dissolução do organismo - o Instituto Sócio-Ambiental, a Ação Educativa e Koinonia - Presença Ecumênica e Serviço. Festejava, na verdade, uma dinâmica que reflete sua própria concepção de igreja, que não vê como ideal a fórmula institucional das grandes estruturas burocráticas eclesásticas. Em sua ótica, a igreja deveria estar diluída na sociedade, secularizada. Bom mesmo seria, se acabasse...

Zwinglio Dias é herdeiro direto de uma linhagem de intelectuais e militantes protestantes inaugurada por Richard Shaull nos anos 1950. A ela pertencem ainda Rubem Alves, Jether Ramalho, Domício Mattos, Waldo Cesar, Carlos Cunha e Julio de Santa Ana, entre tantos outros. De fato, pensando em Shaull, é possível compreender também um pouco sobre Zwinglio: são fruto de uma mesma cepa. Ambos presbiterianos. Ambos pastores. Ambos militantes ecumênicos. Ambos engajados em causas sociais. Ambos professores. Ambos doutores em teologia. Ambos amantes da América Latina. Ambos cosmopolitas.

Ambos pensadores que partem da prática, que se dedicam à vida vivida, dela extraindo seu norte e sua inspiração. Ambos inquietos e, por isso, algo marginais.

Como professor, Zwinglio ensinou em diversas instituições. No Brasil, atuou na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista e no Instituto Metodista Bennet. No exterior, foi professor visitante no McCormick Theological Seminary, em Chicago, e na Victoria University, em Toronto. Sua maior contribuição deu-se, todavia, no departamento de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, onde fui seu orientando de doutorado e tenho hoje o privilégio de ser seu colega – a lamentar, é verdade, sua aposentadoria ao completar 70 anos. Como docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Zwinglio orientou diversas dissertações e teses, sendo sempre procurado por estudantes interessados no protestantismo e no ecumenismo. Adentrou ao serviço público nesta universidade em 1982, dela se retirando em 1989 para dedicar-se à militância ecumênica em tempo integral. Retornou, novamente por concurso público, em 1996, assim permanecendo até os dias atuais.

Quando lhe fui apresentado, ainda como candidato ao curso de doutorado em Ciência da Religião da UFJF, em 2002, ouvi dele a seguinte frase: “Costumo desorientar meus orientandos!” Grata desorientação. Aprende-se muito e de modo agradável com Zwinglio, tanto em momentos acadêmicos formais, quando surpreende com uma erudição generosa e humilde, quanto informalmente, quando delicia os ouvintes com histórias sempre diferentes, colhidas em tantos anos intensamente vividos. É comum, por exemplo, escutar nos corredores do Instituto de Ciências Humanas elogios admirados de estudantes de graduação em filosofia que frequentam suas aulas na disciplina de Estudo Comparado das Religiões. Sempre de modo muito leve, Zwinglio encarna aquele tipo raro e sábio de professor que respeita o processo de maturação de seus alunos, que, invariavelmente, lhe chegam também sem saber dançar e às vezes custam um pouco a entrar no ritmo.

Em cargos administrativos, demonstra-se um hábil solucionador de conflitos, estes companheiros tão cotidianos da vida acadêmica. Valorizando qualidades individuais de seus colegas e analisando de modo perspicaz as diferentes conjunturas e idiosincrasias pessoais e grupais, consegue conduzir problemas que se agigantam à primeira vista a soluções tranquilas e compartilhadas. Também neste sentido sentiremos sua falta.

Como ele, sua teologia é leve, aberta, atenta, instigante e acolhedora. Sua concepção de *missão*, por exemplo, transcende em muito àquela da palavra falada do protestantismo tradicional. Apesar de amar a palavra, falada e escrita, Zwinglio de diversas maneiras, mas penso que principalmente em sua atuação junto a organismos ecumênicos, aponta para uma compreensão missiológica multifacetada e abrangente, que entende que a maioria das vezes mais vale *ser como Jesus* que *falar de* sua mensagem. A ação política que visa à transformação social e à renovação das relações humanas torna-se, assim, também lócus do sagrado. O corpo, os corpos, sua vida, suas dores, sua festa, suas danças, sua comunalidade, metamorfoseiam-se em território maior dos seguidores do Deus que se fez gente, de corpo e alma.

Em um texto como este, supostamente não se deve falar dos defeitos do homenageado, apenas ressaltar suas qualidades. Todavia, como também sou fruto de meu meio, ao pensar e escrever estas páginas, estive preocupado em manter certa parcimônia equidistante, algo acadêmica e protestante – sem conseguir fazê-lo, obviamente. Não pude, por isso, deixar de pensar sobre o que avultava dos defeitos de nosso homenageado, aquelas coisas que os outros falam quando a gente sai. E a verdade é que nestes anos de convívio bastante próximo tudo o que me lembro de ouvir é que Zwinglio é um pouco avoadado, desligado ou esquecido – e sempre num tom de “ah, é o jeito dele, não faz mal...” Gostaria de chegar aos 70 anos com um defeito destes. Preferindo a palavra *avoadado*, arrisco dizer que é porque Zwinglio voou demais, mais alto e mais longe do que ele

próprio podia esperar. Deixou-se levar pelo vento de *ruah*, pelo movimento de *pneuma*, que sopra onde quer e conduz à vida.

Zwinglio, durante estes anos, experimentou bailar em outras paragens, arriscou aventar passos novos, novos ritmos. Aprendeu a dançar uma música que o protestantismo institucional brasileiro não soube aprender. E se tornou professor de dança, num salão em que cabem todos, sem distinção de credo, cor, gênero ou classe. A primeira lição que se aprende, a mais exigente, é a de prestar atenção no parceiro de baile, tentar acompanhá-lo, entender seu estilo, seu gingado, deixar-se conduzir. A segunda, não menos importante, é ouvir e sentir atentamente a música que está tocando, apesar do descompasso e das vaidades dos bailarinos. Afinal, é a música que conduz o baile e, como sabem os músicos, apenas em parte ela depende de quem a executa; de resto, advém diretamente do mistério da vida. Foi nessa música e nessa dança que Zwinglio fez-se um transcendedor de fronteiras. Talvez tudo, de fato, seja uma imensa vontade sua de dançar...